

## A VOZ DO HOMEM COMO *SHIFTER* SUPREMO: BENVENISTE E A TEORIA DA INFÂNCIA

Jaçanã RIBEIRO (Universidade Federal de Santa Catarina)

**ABSTRACT:** *Je présente quelques aspects de la relation entre linguistique et philosophie dans le parcours d'interprétation de la théorie benvenistienne dans la conception de voix comme dimension historique-transcendante du 'montrer' dans la théorie de l'enfance. La contemporanéité des embrayeurs avec le vécu est analysé comme dimension ontologique fondamentale.*

**KEY-WORDS:** *énonciation; voix; enfance.*

Poderia dizer, para começar, que me encontro como Benveniste em certa situação, quando estava falando de lingüística para um auditório de filósofos. Certamente, a dessimetria da comparação logo salta aos olhos: em primeiro lugar porque não posso comparar a pretensão dessa exposição a nenhum texto de Benveniste; em segundo lugar porque, aqui, vou falar de filosofia para um auditório de lingüistas. De qualquer modo, a idéia é um convite para especular algumas reflexões desse território estranhamente familiar.

A relação entre lingüística e filosofia não é rara no trabalho de Benveniste; basta lembrar sua discussão com os analistas ingleses sobre o ato performativo. Há tempos os filósofos se interessam pela investigação lingüística. Por exemplo, um filósofo contemporâneo, Giorgio Agamben, que crê que Benveniste, nos últimos textos, quando fala de dois modos de ser da linguagem, conduziu a ciência da linguagem diante de sua aporia suprema, além da qual ela não pode prosseguir sem transformar-se em filosofia.

O recorte que apresento aqui é justamente a leitura filosófica Agamben da distinção entre semiótico e semântico. Na verdade, quando Benveniste apresentou a conferência *Forma e sentido na linguagem*, em que enfatiza essa disjunção, ele estava se dirigindo a um grupo de filósofos da linguagem, em 1966.

Nessa conferência, o lingüista distingue dois modos de significação da linguagem, entre os quais não há continuidade nem método único de compreensão, ou seja, dois modos de ser da linguagem que exigiriam duas lingüísticas de bases totalmente diferentes.

Benveniste desenvolveu essa distinção em outros textos (por exemplo, *Os níveis da análise lingüística*, 1964 e *Semiologia da língua*, 1969), nos quais eu me apoio para uma breve apresentação. O lingüista argumenta que “o *semiótico* designa o modo de significação que é próprio do *SIGNO* lingüístico e que o constitui como unidade. (...) A única pergunta que o signo suscita é a de sua existência, e esta se decide por um sim ou não. Com o *semântico*, entramos no modo específico de significação gerado pelo *DISCURSO*. Os problemas que aqui se colocam são função da língua enquanto produtora de mensagens. Ora, a mensagem não se reduz a uma sucessão de unidades a serem identificadas separadamente; não é uma adição de signos que produz o sentido, mas é, ao contrário, o sentido (o intentado), globalmente concebido, que se realiza e divide em signos particulares, que são as *PALAVRAS*... Que se trate de duas ordens distintas de noções e de dois universos conceituais, podemos demonstrá-lo ainda pela diferença no critério de validade requerido por um e por outro. O semiótico deve ser *RECONHECIDO*; o semântico deve ser *COMPREENDIDO*. (...) O mundo do signo (semiótico) é fechado. Do signo à frase não há transição, nem por sintagmatização nem de qualquer outro modo. Um hiato os separa” (BENVENISTE, 2005, 2006, *passim*).

Segundo Ricoeur, um filósofo presente naquela conferência, a distinção do semiótico e do semântico é de uma fecundidade filosófica considerável; ela permite retomar a discussão sobre o problema fundamental do fechamento do universo lingüístico. Benveniste reencontraria assim o problema já percebido por Meillet quando distinguia o imanente e o transcendente da língua, isto é, as relações internas à língua e sua ultrapassagem até uma outra coisa.

Já Giorgio Agamben interpreta essa abertura do universo lingüístico como algo que possibilita reavaliar a esfera do transcendental kantiano a partir da consideração do duplo modo de ser da linguagem. *Infância e História* pode parecer um título ingênuo, mas é o lugar de duplo deslocamento: um em relação à concepção de infância – não é como *topos* cronológico ou anterioridade à linguagem que Agamben a pensa, mas antes como condição de subjetividade no devir da história; e outro em relação à própria história, não como continuidade correlativa a um sujeito origem, mas como negativo do pensamento.

Para compreender como Agamben pensa essa experiência, é preciso distingui-la do que se entende por experiência na ciência. A experiência, como um modo de ser e de estar no mundo, supõe disponibilidade e abertura ao que a ela se oferece, ao mesmo tempo em que permanece sujeita às influências do desejo, das paixões. A

experiência se caracteriza assim pela singularidade, pela heterogeneidade, pela imprevisibilidade, pela incerteza e pelo des-controle, em suma pelo movimento do ser. Daí decorre a ciência moderna ter se empenhado tanto em cercar a experiência. Para Agamben (2005) a expropriação da experiência estava implícita no projeto de tal concepção de ciência, uma vez que ela nasce de uma desconfiança em relação à experiência. Se separamos, então, experimento de experiência, temos que a imprevisibilidade e incerteza, próprias à experiência, não cabem no discurso desta ciência. É encontrar um porto seguro, criar instrumentos de medição e um método que quantifique com exatidão. Nesse quadro, experiência transformou-se apenas em experimento, cuja lógica é a do consenso, da homogeneidade, do genérico, daquilo que pode ser repetido, do previsível, do logicamente estabilizado. Ao contrário do experimento que se fecha, que cerceia o homem em sua singularidade, a experiência implica em abertura ao novo, ao desconhecido, àquilo que é dado a conhecer no seu acontecimento.

Segundo Agamben (2005), o hiato que separa os níveis semiótico e semântico é o lugar dessa experiência transcendental. Toma-se a enunciação como dimensão ética de uma comunidade que se dá conta de que fala, no sentido de que pensar a linguagem é pensar em uma ética da experiência.

Diante dos inúmeros caminhos que se abrem com essa aproximação, quero pontuar aqui apenas dois aspectos que, a rigor, estão intimamente relacionados: primeiro a pertinência da remissão dos *shifters* à instância de enunciação. Em seguida, uma diferenciação entre voz e Voz, duas realidades distintas para Agamben.

Primeiramente, se relacionamos a contribuição da teoria da enunciação ao tema da possibilidade da experiência, vemos que ela incide diretamente na reflexão sobre o sujeito transcendental, sobretudo depois da conceituação lingüística dos pronomes como “lugares vazios”. Ou seja, um ponto de relação fundamental entre a teoria da infância de Agamben e a teoria da enunciação de Benveniste é a proposição da subjetividade ancorada nos *shifters* do discurso, o que significa uma crítica ao sujeito transcendental kantiano, que, ao afirmar uma razão pura independente da linguagem, cairia no contra-senso, pois “não apenas a inteira faculdade do pensamento reside na linguagem, mas a linguagem é também o ponto central do mal-entendido da razão consigo mesma” (HAMANN, *apud* AGAMBEN, 2005, p. 54). A infância, como dissemos acima, é uma experiência do transcendental, a experiência do ser da língua, algo improponível em termos kantianos.

Nesse sentido, a experiência se dá no ter-lugar da linguagem, na enunciação. Benveniste mostrou que os *shifters* do discurso indicam algo diferente do que significam, mostram algo que não se reduz ao sentido do que dizem, eles são o lugar de possibilidade de uma subjetividade. Além disso, é importante enfatizar a centralidade do presente enquanto tempo lingüístico: é “ego” que diz *ego* no presente que é. Essa reflexão encontra eco não só no trabalho de Agamben; também no estudo dos pronomes *Da* em Heidegger e *Diese* em Hegel, por exemplo, temos o mostrar da linguagem como fundamento da existência. De fato, Agamben diz que o desenvolvimento da filosofia moderna é, em boa parte, uma reflexão sobre o estatuto do pronome Eu (AGAMBEN, 2006, p. 40).

Ainda assim, não se fala da mesma coisa em um campo e no outro. Uma interpretação de *shifter* como articulador entre língua e discurso, indicando uma subjetividade; outra como *shifter* entre potência e ato, como o que possibilita e abre o ter-lugar do ser. Na verdade, essa dimensão da articulação (língua / discurso; *phoné* / *logos*) não é nova na filosofia ocidental, pois como diz Agamben:

a ciência da linguagem colhe esta dimensão como aquela em que ocorre a colocação em funcionamento da linguagem, a conversão da língua em fala. Mas, na história da filosofia ocidental, esta dimensão se chama, há mais de dois mil anos, *ser* (AGAMBEN, *op. cit.*, p.43).

Dada a dupla significação da linguagem, o homem fala, mas não fala sempre, não é sempre falante; há um hiato na descontinuidade entre semiótico e semântico, onde se vê não uma constância da fala, mas um não-lugar de dizer, a existência de uma *in-fância* do homem, que separa assim transcendental e lingüístico – a experiência transcendental não sendo *na* fala, mas *da* fala.

Nessa dimensão ontológica, os *shifters* indicam o acontecimento da linguagem enquanto auto-referencialidade, revelando uma experiência não de um objeto ou de uma proposição significante, mas do puro fato que se fala, de que há linguagem. Quando lê a distinção de Benveniste, a pergunta que guia a reflexão de Agamben é sempre: o que significa “existe linguagem”, o que significa “eu falo”? A questão central da dêixis, a partir de sua remissão ao ato de enunciação em Benveniste, não mostra simplesmente um objeto inominado – o texto do enunciado, mas, principalmente, a própria instância do discurso, sua enunciação, o seu ter-lugar. Chegamos assim ao segundo ponto: a diferenciação entre voz e Voz. Aqui se coloca a questão do lugar que fundamenta a contemporaneidade dos *shifters* com a relação existencial. Como já tinha dito Benveniste, é a voz que articula a remissão dos *shifters* à instância de discurso. No entanto, a lingüística a considera apenas como *phoné*, som; para

Agamben, há uma Voz (com V maiúsculo) que não é (mais) o som, mas também não tem (ainda) significado: *ela é o puro ter-lugar da língua*; a experiência do ser na linguagem.

A voz, a *phoné* animal, é, sim, pressuposta pelos *shifters*, mas como aquilo que deve ser necessariamente suprimido para que o discurso significante tenha lugar. O ter-lugar da linguagem entre o suprimir-se da voz e o evento de significado é a outra Voz (AGAMBEN, 2006).

A condição da Voz é, portanto, a supressão da voz. No entanto, essa voz é pressuposta. A Voz, essa experiência transcendental da infância, de uma voz silenciosa e indizível, é o não conhecido do dito, é o mostrado a partir desse não dito: a experiência da infância é uma experiência de uma Voz negativa.

A dimensão dessa Voz constitui, como afirma Agamben (2006), o modelo segundo o qual a cultura ocidental pensa um de seus maiores problemas: aquele da relação e da passagem entre natureza e a cultura, aqui analisadas entre *physis* e *logos*, entre *phoné* e *logos* (linguagem). A Voz, como hiato, dimensão negativa do ser, é, portanto, o *shifter* supremo que permite ao pensamento ter experiência do ter-lugar da linguagem e fundar, com isto, a dimensão do ser na sua diferença em relação ao ente (AGAMBEN, 2006, p. 116).

Nesse sentido, se os *shifters* articulam língua e discurso na teoria da enunciação, entre semiótico e semântico só há um hiato, uma dimensão negativa que é a da Voz, *shifter* supremo do homem. De fato, fica claro assim a relação entre os dois aspectos que comento dessa “apropriação” de Agamben, a relevância do *mostrar* dos *shifters* e a diferença entre voz e Voz. Com relação ao *shifter*, vemos que ele é a estrutura da Voz, a forma do seu ter-lugar entre semiótico e semântico. De outro lado, a Voz, como não é (mais) som, mas também não (ainda) significado, se fundamenta na negação da voz.

A experiência transcendental é a infância. Ela vem mostrar que o homem não pode ser sempre falante, há uma infância que separa língua e discurso, *phoné* e *lógos*, e que abre a história ao homem; a história tem sua descontinuidade no fundamento dessa infância. O humano, assim, não se identifica com o lingüístico, mas é a passagem entre a língua e o discurso, esse movimento que mostra o ser no ter-lugar da linguagem.

De fato, Benveniste não se enganou quando anteviu serem extremamente fecundas as possíveis implicações de sua distinção. Meu objetivo aqui foi mostrar alguns desdobramentos da distinção semiótico / semântico na filosofia da infância, que se pretende um desenvolvimento coerente dessa distinção. Na experiência da infância, somente porque a linguagem permite, através dos *shifters*, fazer referência à própria instância, algo como o ser e o mundo se abrem ao pensamento, tal como na bela metáfora de Agamben:

Somente por um instante, como os golfinhos, a linguagem humana põe a cabeça para fora do mar semiótico da natureza. Mas o humano propriamente nada mais é que esta passagem da pura língua ao discurso; porém, este trânsito, este instante, é a história (AGAMBEN, 2005, p.68).

**RESUMO:** Apresento aspectos relevantes da relação entre lingüística e filosofia no percurso de interpretação da teoria benvenistiana na concepção de voz humana como dimensão histórico-transcendental do *mostrar* da teoria da infância. A contemporaneidade dos *shifters* do discurso com o vivido será analisada no fenômeno da *voz*, a dimensão ontológica fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** enunciação; voz; infância.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005. 188p.

AGAMBEN, G. *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. 165p.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed.. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, 2006. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed.. Campinas: Pontes Editores, 2006.